

## RESENHA

## Poucos e Muitos – a comunidade judaica e seus desviantes no Rio de Janeiro (1850- 1920)

AVRAHAM MILGRAM (YAD VASHEM)



Henrique Samet, *Poucos e Muitos - a comunidade judaica e seus desviantes no Rio de Janeiro (1850-1920)*, Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

à exemplo do livro de Haim Avni, *Argentina y las migraciones judías – de la Inquisición al Holocausto y después*. ((2005). O livro de Henrique Samet intitulado *Poucos e muitos – a comunidade judaica e seus desviantes na cidade do Rio de Janeiro 1850-1920* (2019), é uma resposta significativa, mesmo parcial, a esta lacuna, principalmente o primeiro capítulo do livro que versa sobre as imigrações de judeus ao Rio de Janeiro no Brasil independente. Porém, o grosso do livro narra e analisa a imigração e a presença de cáftens e prostitutas originários em sua maioria do leste europeu, que Henrique Samet denominou desviantes, um conceito menos sobrecarregado e mais digestível.

O período moderno e contemporâneo dos judeus no Brasil se inicia por volta de 1800, pouco antes da extinção da Inquisição em Portugal e colônias em 1821, no Brasil inclusive. No entanto, não há na historiografia judaica brasileira nenhum estudo que narre sobre a imigração e a presença judaica no Brasil no período moderno e contemporâneo

Pergunto se este estrato social deve se inserir no quadro das imigrações judaicas ou pertence a outra categoria histórica por não se coadunar com parâmetros similares às imigrações anteriores e posteriores de judeus que se estabeleceram no Brasil. Não é à toa que estes judeus estrangeiros, à diferença dos outros, permanecem ainda hoje confinados ao proibido, vergonhoso e polêmico. Como tabu, o tema não mereceu integrar a história dos judeus no Brasil. Contudo, não faltam narrativas sobre os *tmeim*, “impuros”, como eram denominados na literatura e nas crônicas de viagens de grandes escritores idischistas que visitaram o Brasil, testemunhando *in loco* este fenômeno. Um deles é Peretz Hirschbein (2017); outro escritor é Leib Malach, cujas obras teatrais se inspiram nas cenas do submundo judaico que ele encontrou no Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

Além destas obras foram publicados muitos artigos na imprensa iídiche e nos *memoirs* judaicos. Seja como for, este fenômeno foi registrado e narrado numa língua inacessível às gerações nascidas no Brasil. Talvez esta seja uma das razões da sua marginalidade na historiografia brasileira, portanto, não surpreende o número ínfimo de trabalhos publicados em português.

Até a aparição do livro do Samet havia apenas três: (1) *Baile das Máscaras*, de Beatriz Kuschnir publicado em 1996, (2) um artigo de Samy Katz em francês, intitulado *La transmission impure – les prostituées juives à Rio de Janeiro*, publicado em Paris em 1997, todavia desconhecido no Brasil, e o artigo de Nachman Falbel, *Identidade Judaica, memória e a questão dos indesejáveis no Brasil*, publicado em 1998, no qual polemiza com Beatriz Kuschnir e sua atitude crítica contra o *establishment* comunitário daquela época. Paralelamente, os *tmeim*, ou dissidentes, ecoaram na literatura à exemplo do livro de Moacyr Scliar, *O ciclo das águas*, que narrou a história de uma delas em Porto Alegre, e as *Jovens* .....

1. “Don Domingo’s kreitzveg”, “Rossina” e a peça “Ibergus”, todas elas inspiradas sobre os ‘*tmeim*’ no Rio de Janeiro. Cfr. Falbel, 2008: 663-656.

*polacas*, da escritora Esther Largman, publicado em 1992. Uma terceira dimensão se encontra nos *memoirs* e na memória coletiva dos judeus no Brasil. Esta última, grosso modo, é terra incógnita, o que prova a sensibilidade que ainda hoje persiste no judaísmo brasileiro sobre os traficantes, cáftens e prostitutas judeus.

O fenômeno da prostituição de judias no Brasil e na Argentina, e não só, é decorrente da migração de judeus dos *shtetls* – das regiões polonesas que pertenciam ao império russo e austro-húngaro – para as grandes urbes de Varsóvia e Lodz que se industrializavam a olhos vistos. O pano de fundo de inúmeras jovens era pobreza e decadência dos *shtetls*, aliadas ao enfraquecimento de laços familiares tradicionais, circunstâncias que levaram muitas delas a descarrilhar e ingressar no baixo mundo. Samet, como outros historiadores, desafiou o paradigma clássico da memória judaica segundo o qual prostitutas judias vieram ao novo mundo enganadas. Certamente havia jovens enganadas, mas não todas. O livro do Samet contribuiu para uma visão mais complexa dos aspectos formadores deste fenômeno. De migrantes em seus países, muitos judeus e judias tornaram-se emigrantes, iguais a milhares de outras nacionalidades que vieram a convite de países ávidos por mão de obra estrangeira, a exemplo do Brasil e da Argentina. A imigração estrangeira produziu um grande desequilíbrio entre a população masculina e feminina das grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires. No Rio de Janeiro, por exemplo, em 1872, viviam 69.669 estrangeiros, dos quais 53.200 eram homens e apenas 16.461 eram mulheres. Ou seja, paralelamente a outras funções, abriram-se novos e promissores mercados para o tráfico de prostitutas e a prostituição de mulheres estrangeiras em geral e judias polonesas em particular. De meados do século XIX em diante, “as prostitutas estrangeiras polacas, mais francesas, austro-húngaras, alemãs, russas, entre outras nacionalidades, sucede-

ram em grande medida o exercício do meretrício das portuguesas dos Açores, da ilha da Madeira e do continente. No final do século XIX, as polacas já seriam majoritárias entre as estrangeiras” (Samet, 2019:133-134). Na década de 1870, os estrangeiros, muitos deles judeus, ganharam visibilidade neste comércio, nas páginas da imprensa, nos meios policiais e na sociedade carioca, que exigia soluções policiais para conter a imoralidade e restringir a situação que predominava nas ruas do Mangue. E uma das soluções, implementada a partir de 1879, se processou com a expulsão e a deportação dos traficantes para seus países de origem, e mais tarde, para países de procedência, em geral a Argentina.

A expulsão e deportação dos cáftens é um aspecto ignorado na literatura, ao qual Samet deu muita importância no livro. Ele não apenas evidencia a repressão da polícia contra a prostituição, que se tornara um problema social e urbano na sociedade carioca, como demonstrou em muitos casos que se tratava de uma porta giratória, pois muitos dos expulsos retornavam ao Brasil com documentos falsos, outras identidades e por diferentes vias. Neste ponto me detenho para pontuar o método de pesquisa de Samet. Ele utilizou e explorou profundamente a imprensa brasileira, que noticiava através de informes, reportagens, relatórios e inquéritos policiais, em mínimos detalhes, a amplitude das atividades dos cáftens e prostitutas. Paralelamente aos arquivos e literatura, a imprensa parece ter sido o instrumento mais evidente que possibilitou a Samet captar em alta resolução informações sobre o lenocínio e o meretrício que envolviam judeus. Por exemplo, na literatura, os cáftens aparecem geralmente anônimos, no plural, denominados traficantes, criminosos, proxenetas etc.

Mas quem eram eles? De onde provinham? Quando e como entraram no Brasil? Quem eram as mulheres que eles introduziram na indústria da prostituição, inclusive irmãs e cunhadas de suas

próprias mulheres? Como faziam para se proteger da polícia? Como tratavam as mulheres que eles prostituíram?

A resposta a estas e outras perguntas encontramos nas dezenas e centenas de trechos de jornais citados no livro, que Samet coletou num trabalho sísifo, o que lhe possibilitou personificar e individualizar a ambos: cáftens e cafetinas. No livro aparecem dezenas de nomes com suas feições sociais, maneiras de ser e agir no baixo mundo ao qual pertenciam. Samet reproduziu suas redes sociais, com inúmeras informações, detalhando endereços de bordeis, locais onde se reuniam cáftens, o âmbito de sua sociabilidade e métodos de atividades. As matérias jornalísticas revelam práticas com dimensões transcontinentais que incidiam num vai e vem internacional por navios a vapor para renovar bordeis com prostitutas originárias do Império russo, ou para desaparecer temporariamente dos radares policiais e seus informantes, a fim de evitar inquéritos, escapulir rixas, roubos etc.

Os cáftens eram hiperativos, vamos encontrá-los em constante movimento, despatriados pelas autoridades ou por opção, recorrendo frequentemente aos serviços de advogados quando não dos próprios delegados policiais, necessitados de documentos para fins de nacionalização e para evitar que fossem expulsos do país. A maioria deles era de homens, mas havia também cafetinas mulheres. Um primeiro grupo de cáftens foi expulso em 1879, alguns deles já tinham atrás de si um recorde de expulsões da Alemanha, Áustria, Hungria, França e Turquia. No primeiro inquérito policial realizado naquele ano, o delegado relata: “que eles se apresentavam na Europa como negociantes de joias, de modas, fazendo donativos. Apesar de conseguirem licenças para diversos negócios, viviam à custa do dinheiro ganho com as mulheres que exploravam e passavam o tempo bebendo e jogando, como na rua Uruguaiana no. 56 e no Largo da Carioca. Logo que as mulheres chegavam da Europa e eram le-

vadas para “depósitos de aprendizagem”, ensinavam-lhes a prática de atos imorais e, depois de alguns dias, vendiam-nas em leilões. Obrigadas a entregarem a seus patrões determinada quantia por dia, eram espancadas quando não cumpriam o estipulado. (...) Vinham da Europa com passaportes falsos, como esposas ou parentes, e algumas passaram, além da venda do seu próprio corpo, a exercer também outras funções, pois alguns cáftens tinham em suas casas uma mulher encarregada de fiscalizar as outras, sendo consideradas sócias. (...) Essas mulheres não tinham filhos, pois os homens com quem viviam faziam-nas abortar caso engravidassem, empregando para isto remédios que traziam da Europa, pois diziam que os filhos estragavam as mães e as impossibilitavam de exercer a vida de prostituta. Depois de exploradas no Rio de Janeiro, eram vendidas para São Paulo e Campinas” (Samet, 2019: 136-137).

Um destes cáftens me impressionou em particular. “Chamava-se Sigmond Reicher, e o delegado denominou-o Francisco Ferreira da Rosa Reischer. Pois bem, ele era austríaco, residente no Rio de Janeiro desde 8 de janeiro de 1871, com passagem pela Inglaterra, França, Itália, Índia Inglesa e viveu na República Argentina durante três anos. Foi descrito como expulso com sua mulher Vera Zalicov de Alexandria, onde a mantinha prostituta, dirigindo-se para Buenos Aires. Lá, a teria vendido para Jacob Dovatch, casando depois com Emília Grindler, que abandonara o marido. Siegmond Reicher, vindo para o Rio de Janeiro, obrigou a mulher a se prostituir na rua Sete de Setembro no. 216. Emília Grindler adoeceu de bexigas e foi remetida para o Hospital da Saúde, onde faleceu. Seduziu Augusta Jacobovitch (possivelmente Jacobo vinda com Reischer do exterior, Marselha em 1878), conhecida publicamente como Leonor, com quem também se casou, abrindo-lhe uma casa na rua da Guarda Velha no. 11. Depois partiu para Hamburgo, onde era conhecido como Moyses Yorden, e de onde trouxe

sua cunhada, a irmã mais nova de Emília Grindler, sob pretexto de visitar o Rio de Janeiro, dizendo estar à frente de um armazém de modas. Aqui, fez-se de surpreendido pela morte da esposa e disse ter perdido o negócio por efeito de ladroagem de sócios, pondo a cunhada no meretrício e depois a vendendo por dois contos e quinhentos para Buenos Aires. Em 12 de março de 1879, deu entrada a pedido de naturalização, então com 35 anos, aceito em 19 de abril de 1879. Prestou juramento em 21 de abril de 1879 e fez outra viagem à Argentina. Em 15 de maio de 1879, partiu para a Europa com passaporte brasileiro e retornou em 15 de agosto de 1879 com passaporte alemão, com o nome de Richer Lignoud, em companhia de Hermann Klein (e sua esposa) e Moritz Strall, trazendo cinco mulheres, duas das quais abordadas pelo 1º delegado em um botequim da rua da Vala, quando estavam para ser vendidas em leilão” (Samet, 2019: 142-143). No livro aparecem mais informações sobre suas prováveis atividades econômicas no ramo de joias e joalherias. Incluído no inquérito e expulso da maçonaria, Reicher, quis tomar como advogado o Dr. José Ferreira de Menezes, que não aceitou o encargo. Na nota no. 62 (Samet, 2019: 144), Samet menciona que este advogado era filho de escravos e defensor da abolição.

Com a mesma metodologia, Samet personifica e individualiza as prostitutas judias num quadro heterogêneo de um cotidiano que incluía “tumultos, brigas, agressões, roubos ou mesmo assassinatos executados por clientes, companheiros, cáftens, amásios, policiais, ladrões e colegas de trabalho”. São histórias que no livro aparecem com nomes, datas, circunstâncias, causas criminais e efeitos colaterais, no item que o autor intitulou “A vida difícil”, um título no mínimo *understatement* (Samet, 2019: 282-293). Neste item, Samet coletou na imprensa e nos arquivos vários casos de assassinatos de prostitutas judias decorrentes de suas relações, nas quais a cobiça pelo dinheiro e bens de valor que

elas possuíam, lhes resultara fatal. Por outro lado, conforme apurou o autor, “as prostitutas judias não eram somente vítimas, mas também algozes em certas infrações criminais”. Uma de suas atividades era o furto de seus clientes. “Muitas vezes os roubos eram feitos em duplas”. Problemático era gerar filhos “devido à profissão, à pressão de cáftens, ao meio hostil, à situação econômica instável, à possibilidade de abandono, às questões de paternidade e mesmo violência”. E na nota de rodapé n. 419 da página na página 291, Samet reuniu informações sobre algumas delas e o estado melancólico, desamparado e doentio, que devido a doenças venéreas não tiveram acesso a hospitais, tendo como última instância a Casa da Misericórdia no Rio de Janeiro. Outras, devido a problemas mentais, eram recolhidas das ruas para instituições e asilos e enterradas no cemitério delas em Inhaúma. Contudo, havia casos de prostitutas que conseguiram se livrar deste circuito e inclusive casaram ou tornaram-se parceiras de homens relativamente bem-sucedidos e, na situação limite, conseguiram abandonar suas atividades em busca de um negócio legal e mesmo alcançar sucesso econômico. Esta foi a trajetória de Pepi da Costa, de solteira Goldstein, nascida em 1880 na Romênia. Chegou ao Brasil com 19 ou 20 anos. Poucos anos depois, ela foi viver em Nova York, retornou para Manaus com 33 anos, bem de vida a ponto de ajudar a família a emigrar para os Estados Unidos; depois, retornou a Nova York, viveu 3 anos no Brooklyn e, novamente em Manaus, em 1915, casou-se com um funcionário do banco português (Samet, 2019: 197). Outras tornaram-se gerentes, sócias, 7 alugadoras de cômodos, donas de bares e se envolveram em outras atividades fora da prostituição. Devemos destacar, na minuciosa narrativa e análise, que enquanto as biografias e trajetórias dos cáftens se parecem umas às outras, as mulheres ao contrário, são descritas numa multiplicidade de paradigmas pertinentes ao baixo mundo, por um lado, e evidenciando sua condição

humana, por outro: a obra projeta prostitutas, cafetinas, exploradas e exploradoras, ladras, amasadas com cáftens ou com não judeus, comerciantes, militares, criminosos, inclusive policiais, estratégias de vida que lhes permitiram desvencilhar-se dos possessivos cáftens judeus. E havia prostitutas, como mencionei, bem-sucedidas em casamentos, administrando empresas e negócios na sociedade normativa. À diferença dos traficantes e gigolôs, as biografias das mulheres judias são variadas, coloridas, fatídicas com dimensões humanas.

Um capítulo importante do livro, tratado extensivamente no livro de Beatriz Kuchnir, refere-se às instituições que as “polacas” criaram para si. A primeira delas, desconhecida na literatura, foi a Sociedade Beneficente e Funerária, estabelecida em 1898, e a posterior, com nome similar, Associação Beneficente e Funerária Religiosa Israelita, estabelecida em 1906. A primeira era composta somente de mulheres, onde elas preencheram funções num espaço público tradicionalmente reservado aos homens. Tanto uma como a outra resultaram da rejeição e da marginalização de suas ocupações, excluídas das instituições judaicas da comunidade. Elas criaram seus próprios espaços de sociabilidade: sinagogas, cemitérios e ajuda mútua. Ou seja, elas substituíram as instituições pertinentes à comunidade normativa para se auto proteger emocional, material e financeiramente. Elas e eles constituíram uma espécie de mundo judaico paralelo ou alternativo sem deixar de reivindicar sua condição judaica (Samet, 2019: 292-323). E, eventualmente, a Associação Beneficente e Funerária Religiosa Israelita foi para elas uma forma de sublimar o lar judaico que elas definitivamente não tinham.

Quero destacar a sobriedade de Henrique Samet, que evitou romantizar ou ocultar as atividades a que se entregava este grupo ou torná-lo falsamente regrado na qualidade de heróis ou vítimas. E mais, afirma Samet que descrever estas expressões de identidade judaica “serve de anti-

doto para contornar armadilhas da unilateralidade ou do maniqueísmo com a pretensão de construir uma imagem única a respeito deste segmento que, com credenciais deterioradas e sem uma blindagem simbólica, ficavam sujeitos ao arbítrio policial, mas também ao arbítrio descritivo e valorativo sem contrapontos” (Samet, 2019: 294). Creio que estas frases refletem o esmero, cuidado e seriedade do livro sobre os desviantes. Os últimos itens e capítulos do livro tratam da reação e das medidas de autodefesa que a comunidade judaica se viu desafiada e obrigada a confrontar.

Gostaria de concluir observando que seria oportuno analisar a literatura de ficção, considerando que há poucos estudos históricos, e verificar como os desviantes são projetados na perspectiva da literatura. Considerando que o epicentro deste fenômeno na América do Sul se encontrava na Argentina, seria da mesma forma conveniente comparar o tráfico, lenocínio, prostituição e institucionalização das entidades beneficentes, religiosas e funerárias deste setor judaico em Buenos Aires com as do Rio de Janeiro.

A pesquisa de Henrique Samet resultou ser um livro volumoso e enciclopédico, verdadeira anatomia dos cáftens e meretrizes judeus no Rio de Janeiro. Seu trabalho contesta as inibições que se encontram enraizadas na memória judaica, por um lado, e contribui para normalizar o conhecimento dos desviantes na história moderna dos judeus no Brasil, por outro. ●

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALBEL, Nachman. “Identidade Judaica, memória e a questão dos indesejáveis no Brasil” In: SLAVUTSKY, Abrão (org.) *Depoimentos e Ensaio sobre a Identidade Judaica*. Porto Alegre: Arte e Ofícios Editora, 1998, pp. 215-267.

\_\_\_\_\_. “A correspondência de Leib Malach com Baruch Schulman” In: *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008, pp. 633-656.

\_\_\_\_\_. *De terras longínquas – viagem à Argentina e Brasil de Junho a Novembro de 1914*. São Paulo: Maayanot, 2017.

KATZ, Samy. “La transmission Impure - les prostituées juives à Rio de Janeiro” In: BENBASSA, Esther (ed.) *Transmission et passages en monde juif*. Paris: Publisud, 1997, pp. 569-584.

KUSCHNIR, Beatriz. *Baile das Máscaras*. Rio de Janeiro: Imago 1996.

SAMET, Henrique. *Poucos e Muitos – a comunidade judaica e seus desviantes no Rio de Janeiro (1850-1920)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.